



## **ALEXANDRINA DO NASCIMENTO GOMES E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA EDUCAÇÃO DO TERRITÓRIO FEDERAL DE RONDÔNIA.**

Cleicinéia Oliveira de Souza  
Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT PPGE/Cuiabá  
cleicisouza@outlook.com  
Nilce Vieira Campos Ferreira  
Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT PPGE/Cuiabá  
[nilcevieiraufmt@gmail.com](mailto:nilcevieiraufmt@gmail.com)

### **INTRODUÇÃO**

Alexandrina do Nascimento Gomes contribuiu com a educação do atual estado de Rondônia durante o período de 1956 a 1992. Ela iniciou seus estudos no Colégio Nossa Senhora do Calvário na cidade de Guajará-Mirim, no Território Federal de Rondônia, recebeu instrução em uma instituição escolar administrada pelo Bispo Dom Francisco Xavier Rey<sup>1</sup> da prelazia de Guajará-Mirim e Freiras da congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário<sup>2</sup>.

A formação como professora no Vale do Guaporé era incomum no período de 1970 a 1980, pois ainda hoje essa região encontra-se distante dos grandes centros. No período, a viagem para capital ocorria quase sempre por meio de transporte fluvial.

Alexandrina destacou-se entre as mulheres da sua época, não se conformou com apenas o primeiro curso de formação de adquiriu no Colégio Santa Terezinha, posteriormente denominado Colégio Nossa Senhora do Calvário. Procurou níveis de formação além do que era disponibilizado na cidade de Guajará-Mirim.

---

<sup>1</sup> Dom Francisco Xavier Rey é natural de Fauch na França, nasceu no dia 29 de Junho de 1902, recebeu o chamado a vocação Sacerdotal e ingressou no noviciado dos Franciscanos da Terceira Ordem regular em Ambialet- França. Assim que se tornou um sacerdote, foi enviado para a cidade São Luiz de Cárceres, no estado de Mato Grosso para exercer a vocação missionária. No ano de 1932, assumiu a prelazia da cidade de Guajará-Mirim no estado de Mato Grosso. Percebeu a ausência de escolas e querendo agregar mais fiéis para a igreja católica na região do Vale do Guaporé, resolveu criar o Colégio Santa Terezinha na cidade de Guajará-Mirim para formar professoras e evangelizadoras.

<sup>2</sup> A Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário originou-se da cidade de Gramat, na França. No início do Século XX, algumas das Irmãs vieram assumir funções educativas e voltadas para a saúde no Brasil. No ano de 1935, foram para a cidade de Guajará-Mirim no estado de Mato Grosso, duas Irmãs francesas e duas brasileiras da Congregação de Nossa Senhora do Calvário, provenientes da cidade de São Paulo, no Brasil e uma irlandesa para realizar a missão na instituição escolar Nossa Senhora do Calvário na cidade de Guajará-Mirim.

Alexandrina assumiu cargos respeitáveis no Território Federal de Rondônia e no estado de Rondônia. Entre esses cargos, destacamos o trabalho realizado como Secretária de Educação e Cultura e o trabalho realizado em outras instituições públicas na prefeitura de Costa Marques. Por diversas vezes, Alexandrina assumiu o lugar dos prefeitos daquela cidade por ocasião de alguma ausência. Realizava também visitas nas instituições escolares rurais e ribeirinhas do Vale do Guaporé, sujeitando-se aos perigos da floresta amazônica, viajando de barco dias consecutivos para fiscalizar os exames realizados nas escolas rurais existentes.

Ao escrevermos a história de vida dessa professora, reconhecemos o trabalho que legou à educação rondoniense. Uma história de uma mulher que superou as dificuldades do seu tempo e ponderamos que estruturamos uma “narrativa de uma história sobre as pessoas comuns no local em que estão instaladas” (BURKE,1992, p.341).

Evidenciamos ainda a história da educação feminina do estado de Rondônia. Uma história de vida escassa de divulgação e pouco conhecida até mesmo pela população de Rondônia, estado no qual Alexandrina exerceu sua profissão, pois percebemos que “Nenhuma permanência, nenhuma perseverança da existência podem ser concebidas sem homens decididos a testemunhar” (p. 285), e acrescentamos mulheres, como vimos nas reflexões da filósofa Hannah Arendt (1972), o que nos leva a ponderar que por meio das memórias relatadas podemos articular o passado com a ação educativa no presente.

Munimo-nos metodologicamente de pesquisa bibliográfica, documental e iconográfica. Temos como fontes documentos oficiais e fotografias coletadas no acervo pessoal da professora, além de entrevista oral. Desse modo, pensamos configurar uma memória feminina na “percepção do caráter configurativo das narrativas, em especial as autobiográficas e vivenciais, se articula, quase de modo implícito, com o caráter narrativo da experiência”, como dito por Leonor Arfuch (2010, p. 18), para quem a experiência de vida relacionada com a temporalidade, o passado que deixou sua marca na história é uma experiência a ser relatada.

## **ALEXANDRINA DO NASCIMENTO GOMES E SUA FORMAÇÃO DOCENTE**

Alexandrina do Nascimento Gomes nasceu no dia 10 de Março de 1934, em um lugar denominado Independência no Vale do Guaporé, filha de pais agricultores do Vale do Guaporé<sup>3</sup>. O pai era Julião Gomes e a mãe, Eva Lopes. Segundo a professora Alexandrina, o

---

<sup>3</sup> O Vale do Guaporé é formado por florestas tropicais, matas de igapó. O principal Rio da Bacia é o Rio Guaporé que fica localizado na parte sul/ sudeste do estado de Rondônia, com a extensão nos municípios de

nome do meio “Nascimento” não foi recebido de seus pais, mas foi dado a ela porque os pais haviam feito promessas devido à dificuldade na hora do parto e o assemelhou ao nascimento de Jesus.

Ainda criança, com apenas sete anos de idade, Alexandrina foi residir no lugar denominado Pedras Negras no Vale do Guaporé, ajudando nos trabalhos da casa e trabalhando com seus pais na agricultura para o sustento da família, até completar 22 anos.

Paulo Sérgio Dutra (2010) descreveu que Alexandrina em Pedras Negras recebeu os primeiros ensinamentos educacionais com as primeiras professoras formadas no Colégio Nossa Senhora do Calvário da cidade de Guajará-Mirim. Esses ensinamentos não ocorriam no interior de uma sala de aula. Essas aulas informais ocorriam quando Xavier Rey em suas visitas a Pedras Negras, acompanhado pelas professoras Eremita Cordeiro e Antônia Quintão, que o ajudavam nas visitas a comunidade ribeirinha e rural da região do Vale do Guaporé. Elas ensinavam às crianças ginástica e canto.

Alexandrina estudou no Colégio Nossa Senhora do Calvário, instituição escolar que formava professoras rurais para atuar nas escolas no Vale do Guaporé. A instituição era administrada por Xavier Rey e pelas Freiras da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário que vieram da França e se estabeleceram em algumas regiões brasileiras, entre essas regiões, na cidade de Guajará-Mirim.

Aos 22 eu vim a Guajará-Mirim quer dizer eu já tinha vindo antes com a minha madrinha, mas aos 22 eu vim que falei que iria fazer uns tratamentos cheguei ao colégio e uma irmã chamada Maria Antonieta ela me convidou para vir ao colégio trabalhar e estudar eu coloquei aquela dificuldade de deixar a minha mãe e tal, aí ela falou aquela frase e se eu me casasse? Então isso aí me ajudou bastante. Isso foi em 1956. Em 1957 eu vim para o colégio fiquei no colégio até 1962 quando fui morar com outras irmãs. No colégio, eu fiquei um mês já sabia ler escrever fazer as quatro operações fiquei só um mês no segundo ano aí fui para o terceiro do terceiro, fui para o quarto, e naquela época o ministério da educação permitiu que aluno da quarta série pudesse fazer admissão, estava terminando aproveitei a oportunidade fiz passei graças a Deus. Naquele tempo ginásio era primeiro, segundo terceira e quarta série. Fiz a primeira a segunda e na segunda série fiquei muito doente eu desisti. Isso foi conselho até dos próprios professores. No ano seguinte eu já estava na terceira quando desisti aí repeti a terceira fui até maio a quarta eu terminei. (GOMES, 2016).

Conforme o relato, Alexandrina aceitou ir estudar e trabalhar em uma escola que pertencia a Igreja Católica, o Colégio Nossa Senhora do Calvário, deixando a casa e a

---

Costa Marques, São Francisco do Guaporé, Alta Floresta, Alvorada d’ Oeste, Primavera, Seringueiras, Rolim de Moura Alto Alegre, São Felipe, Pimenteiras, Parecis, São Miguel do Guaporé, Cabixi e Cerejeiras. O Rio Guaporé nasce no estado de Mato Grosso e percorre municípios do estado de Mato Grosso e do estado de Rondônia.

proteção dos pais. Destacou-se no decorrer dos anos entre as outras moças que estudavam nessa instituição escolar, pois tinha facilidade de aprender em curto tempo. Embora tenha se afastado da escola por algum tempo para cuidar de problemas de saúde, contudo, retomou os estudos no Colégio Nossa Senhora do Calvário para concluir a 4º série e fazer o curso de admissão.

Alexandrina relatou como eram as aulas no Colégio Nossa Senhora do Calvário.

Primeiro era uma aula de qualidade, você sabe que Freira e Padre eles dão aula de qualidade. As nossas matérias eram estudos sociais que entrava historia geografia, ciências matemática, português, religião e educação física. Elas ensinavam muito teatro comédia essas coisas assim naquela época tinha muito lazer deixa ver como se diz, muita festinha as professoras quando saiam do colégio para lecionar elas sabiam tanta coisa, sabiam educação física, elas sabiam fazer comédia teatrinho, elas ensinavam de um modo geral saiam preparadas, para onde elas iam trabalhar. Elas eram médicas, professoras, enfermeiras, juízas, delegadas tudo isso e ainda ministravam o ensino religioso. Isso era essencial. (GOMES, 2016).

Alexandrina descreveu a importância da educação obtida no Colégio Nossa Senhora do Calvário quando fora educada por padres e freiras. Para ela, a aprendizagem obtida nessa instituição escolar trouxe-lhe ensinamentos para a sua vida. Segundo a professora, as moças formadas nessa instituição escolar saíam preparadas para assumir diversas funções dentro da sociedade, eram reconhecidas pela sociedade da época e convidadas para assumir diferentes cargos, entre esses o de professora, cargos políticos, administrativos, e relacionado à saúde. Ajuizamos que o acontecimento relatado se devia ao fato de essas moças serem alfabetizadas, serem capazes de ler, escrever e interpretar em um local e temporalidade no qual quase todos os habitantes eram analfabetos e desconheciam os princípios básicos de higiene e saúde.

Alexandrina narrou que após realizar o exame de admissão no Colégio Nossa Senhora do Calvário, foi nomeado um professor de fora para a cidade de Guajará-Mirim devido à mudança de governo.

Nessa época um professor veio ser diretor aqui. Tinha aquela política muito grande quando subia um deputado ou governador que era nomeado pelo presidente ai trocava todo mundo. Aí um professor que veio para cá ele achou que Guajará tinha clientela para fazer outro curso e não ficar só na quinta série. Já tinha curso de técnico de contabilidade, mas isso foi criado por pessoas que não tinha nada a ver, podemos dizer leigos com educação mas com curso superior. Foi promotor, engenheiro, sacerdote, um casal que veio do Rio de Janeiro eles fundaram o curso em técnico de contabilidade. (GOMES, 2016).

Alexandrina ressaltou que naquela época existia apenas o curso de técnico em Contabilidade e esse professor que veio para Guajará-Mirim com intenção de realizar o curso de quinta a oitava série e por perceber que as mulheres não faziam o curso técnico em contabilidade planejou fundar um curso Normal no Colégio Paulo Saldanha. Em seu relato, ela descreveu que esse professor não obteve, contudo, o apoio dos diretores das instituições escolares de Guajará-Mirim. Nessa colocação de Alexandrina, observamos que havia uma restrição da população local de Guajará-Mirim, em aceitar as pessoas que vieram de outras localidades para fundar instituições escolares que poderiam possibilitar o desenvolvimento educacional daquela região. Entendemos que isso poderia representar uma “competição” para as escolas que ali existiam ou uma disputa pelos espaços ocupados.

Entretanto, esse professor conforme descreveu Alexandrina, pediu ajuda ao governador do Território federal de Rondônia e conseguiu autorização para iniciar o curso de Ginásio e o curso Normal Colégio Paulo Saldanha, na cidade de Guajará-Mirim. Assim, Alexandrina teve a oportunidade de se matricular e cursar o Ginásio e o magistério no Colégio Paulo Saldanha. Parece-nos que Alexandrina compreendeu a necessidade de adquirir formação para continuar ministrando aulas.

Na figura 1, a seguir, visualizamos Alexandrina do Nascimento Gomes em uma aula na instituição escolar denominada Nossa Senhora do Seringueiro, na cidade de Guajará-Mirim. Podemos observar que a professora Alexandrina se mostra comprometida com o trabalho que realiza. Embora seja uma imagem posada, pois podemos inferir que a professora foi avisada ou se preparou para o momento, demos comprovar que alguns elementos que poderiam incentivar a escolarização são mostrados na ilustração. O quadro negro ao lado direito da figura e na parte central da sala de aula parece em boas condições de uso, há cartazes com ilustrações o que sugere inovação nas práticas e métodos de ensino, as carteiras e mesas escolares da época estão em bom estado. Ressalvamos ainda que podemos ver os alunos uniformizados e bem vestidos o que sugere certa posição social ou que as condições financeiras de suas famílias os permitissem manter seus filhos nos estudos.

**Figura 1 - Professora Alexandrina do Nascimento Gomes lecionando na Escola Nossa Senhora do Seringueiro : 1962 a 1970.**



Fonte: Acervo Pessoal de Alexandrina do Nascimento Gomes.

No ano de 1963, conforme narrado por Alexandrina iniciou o ginásio de 5ª a 8ª Serie no Colégio Paulo Saldanha. Durante esse período, lecionava no Colégio Nossa Senhora do Calvário e no Colégio Nossa Senhora do Seringueiro. Logo em seguida fez o Curso Normal no Colégio Paulo Saldanha e adquiriu a formação no magistério com a duração de 03 anos.

Na figura 2, a seguir, temos a imagem da professora recebendo o diploma de magistério no curso Normal do Colégio Paulo Saldanha, juntamente com outras moças que frequentaram o curso de magistério. As formandas vestiam o branco cor de vestido comum para época nas formaturas das moças no magistério e capelo branco. A imagem permite vislumbrar a postura das formandas e a circunspeção de Alexandrina do Nascimento Gomes, ao receber seu diploma de formação no magistério, o que nos leva a imaginar a emoção que sentia. O local da formatura era o espaço da própria instituição escolar, normamente o local denominado como auditório. Podemos notar que esses eram momentos muito significativos para instituição escolar.

Nilce Viera Campos Ferreira (2014, p. 312) descreveu que era possível nesses momentos “visualizar os procedimentos adotados na instituição para esses ritos, suas crenças e valores, além dos parâmetros de protocolo que eram exigidos para a formatura, adquirindo um significado pomposo para as formandas, suas famílias e a comunidade”. A formatura era, portanto, um evento formal marcado pela presença da família das moças, pelo detentores da autoridade do município de Guajará-Mirim e por membros da Educação local ou regional.

**Figura 2- Alexandrina do Nascimento Gomes recebendo o diploma da sua**

**formatura no curso Normal do Colégio Paulo Saldanha**

**VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica**

**UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016**

**Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676**



Fonte: Acervo pessoal de Alexandrina do Nascimento Gomes.

Quando alexandrina terminou o magistério, ela foi assumir direção de uma instituição escolar.

Foi no Paulo Saldanha. No Paulo Saldanha eu concluí meus estudos em 1966. Fiquei em 1966 até 1974 sem estudar nada. Em Porto Velho começou com Licenciatura Curta com extensão da Universidade de Rio Branco. Já tinha vindo para gente para escolher, para fazer uma seleção de quem poderia ir fazer esse curso em Belo Horizonte de nível superior de Licenciatura Curta que em Porto Velho estava fazendo Licenciatura curta também. (GOMES, 2016).

Alexandrina contou que iniciou, na cidade de Porto Velho no ano de 1974, um curso de licenciatura curta com a extensão da Universidade Federal do Acre campus da cidade de Rio Branco, e que governador do Território Federal de Rondônia João Carlos Henrique Neto enviou solicitações para os gestores das instituições do município de Guajará-Mirim pedindo para selecionar e enviar professores para irem realizar a licenciatura curta. Entretanto, no caso de Guajará-Mirim os professores não foram avisados e a solicitação dos professores para realizar o curso de licenciatura curta foi engavetado pela diretora Aliete Morhy do Colégio Paulo Saldanha. Isso nos levou a ponderar que um dos fatores para o “engavetamento” pode ter sido a necessidade que a escola tinha de manter essas mulheres lecionando, pois seria difícil encontrar outras para as substituírem.

Essa situação ocorreu por duas vezes até a mudança de Governo do Território Federal de Rondônia e enviaram para Guajará-Mirim outro gestor para o Colégio Paulo Saldanha. Logo depois, a escola recebeu outro documento convocando professores da cidade de

**VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica**

**UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016**

**Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676**

Guajará-Mirim para prosseguirem seus estudos. Dessa vez a professora Alexandrina foi selecionada pelo novo diretor do Colégio Paulo Saldanha.

Ele mandou cá para Guajará, eu fui selecionada e mais quatro daqui. Duas foram para Brasília escolheram educação artística. Eu escolhi administração escolar e a outra moça escolheu supervisão tinha todos esses cursos lá no centro em Belo Horizonte. Centro de treinamento João Pinheiro<sup>4</sup> lá servia de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais, os professores da universidade iam lá da aula para gente. Tinha pousada. Foi à primeira vez que eu estudei sem trabalhar, tinha roupa lavada, o apartamento limpo, comida também era 08:00 horas por dia. Terminei em 1975, foi justamente corrido para carga horária bater certinho, ao invés de 04:00 horas eram 08:00 horas e ainda tinha o sábado. (GOMES, 2016).

A professora Alexandrina narrou que após concluir o curso de licenciatura curta no Centro de treinamento João Pinheiro retornou para cidade de Guajará-Mirim. No ano de 1977, a turma da cidade de Porto Velho já havia concluído a licenciatura curta e iria iniciar a licenciatura Plena na Universidade de Extensão do Pará. Logo imaginou que também poderia ir cursar licenciatura Plena junto com essa turma de professores. Realizou pedido por meio de ofício para o secretário do Território Federal de Rondônia e não obteve aceitação, pois nesse período a professora Alexandrina lecionava de 5ª a 8ª série no Colégio Paula Saldanha e pela necessidade de professores na cidade de Guajará-Mirim o secretário de educação não autorizou seu afastamento para concluir seus estudos.

Na concepção de Carmen Lúcia de Melo Barroso e Guiomar Namó de Mello (1975), no Brasil nos anos de 1970 era comum à mulher ter dificuldade de acesso à universidade, algumas estavam aptas para ingressar nos cursos superiores. Entretanto, era limitada tal formação e na prática ocorria desigualdade entre os sexos. Pensamos que esse possa ser outro motivo para a não autorização para Alexandrina continuar seus estudos: homens podem ter sido escolhidos e a ela, por ser mulher, tenha sido negada.

Em resumo, apesar da expansão quantitativa do ensino de 2º grau e de mais da metade de seus concluintes serem do sexo feminino, é possível que parte dessas jovens encerrem nessa altura suas carreiras profissionais, por não terem desenvolvido, ao longo de sua socialização, expectativas e aspirações mais ambiciosas. As que prosseguem os estudos, por serem em sua maioria egressas de cursos normais ou clássicos, deverão investir maior esforço, tempo e dinheiro, em sua preparação, se quiserem cursar as escolas superiores mais concorridas, que conduzem as carreiras mais prestigiosas da hierarquia ocupacional. [...]. (BARROSO; MELLO, 1975, p.50).

---

<sup>4</sup> A fundação João Pinheiro foi responsável pela formação de professores de muitos estados brasileiros, foi uma fundação pioneira na oferta de cursos superiores para professores e para diversas áreas da administração pública. A respeito ver: MARQUES, Rosane. Fundação João Pinheiro 45 anos. Relatório de gestão 2011/2014.



Na sua dissertação de mestrado, Silvio Melo do Nascimento (2014), ressaltou a contribuição da professora Alexandrina para a educação do Vale do Guaporé, destacou a sua formação no Colégio Nossa Senhora do Calvário, a confiança que adquiriu perante a sociedade, incluindo sua persistência como professora para continuar seus estudos, além do que era disponibilizado ou esperado das mulheres na época.

Embora conservasse as mesmas características das meninas da turma de 1933, ou seja, era negra, pobre e do interior, fez parte da segunda turma de crianças e adolescentes, com o mesmo propósito de se formar professora e atuar onde a Prelazia lhe designasse. Como mulher negra e professora que carregava a confiança das autoridades católicas, permaneceu dedicada aos estudos e prosseguiu na formação superior alavancando sua carreira no magistério. A maioria das meninas formadas por Dom Rey não conseguiu esse grau de conhecimento pelas dificuldades em se conseguir chegar às poucas Universidades que disponibilizavam a formação superior para o magistério. (NASCIMENTO, 2014, p.102).

Nessa narrativa que fomos compondo, percebemos como exposto por Barroso e Mello (1975) que as mulheres brasileiras tinham dificuldades de acesso ao magistério e, por muitas vezes não dispunham sequer de condições mínimas econômicas ou mesmo conhecimento que as permitissem ingressar nas poucas universidades que ofertavam o curso superior para o magistério.

Nessa linha de raciocínio, percebemos o esforço de Alexandrina do Nascimento Gomes em dar procedimento a sua formação. Fica-nos evidente que poucas eram as oportunidades entre as outras professoras de seu tempo frequentar os cursos de licenciatura. O acesso ao ensino superior era-lhes praticamente impossível. Apenas poucas mulheres conseguiam ingressar e concluir esses cursos. A atuação nos espaços públicos torna-se, portanto, limitada e mesmo a mais simples nesses espaços “não é fácil para as mulheres, dedicadas ao domínio privado” (PERROT, 2007, p.146). Muito embora fossem criticadas, algumas mulheres romperam essas “amarras” fossem para se tornar responsáveis por ambições pessoais ou pela necessidade de se manterem.

Alexandrina procurou caminhos para sua atuação nesses espaços como abordarmos aqui e se desvencilhou dos papéis tradicionais atribuídos às mulheres, mas lembramos que também enfrentou obstáculos pois as mulheres “quando tentaram assumir um cargo que antes pertencia ao sexo masculino, surgiram os problemas, como se esse espaço não fosse destinado às mulheres. A sociedade entendia que, as mulheres ocupando um cargo público poderiam querer se igualar aos homens” (PERROT, 2007, p. 146).

## **ALEXANDRINA DO NASCIMENTO GOMES E OS CARGOS EXERCIDOS DURANTE O TERRITÓRIO FEDERAL DE RONDÔNIA E ESTADO DE RONDÔNIA**

Alexandrina do Nascimento Gomes foi uma mulher além do seu tempo, procurando formação na sua área de atuação e para exercer as diversas funções que assumiu, em um local de difícil acesso às instituições escolares geralmente existentes nos centros urbanos mais desenvolvidos e em um período no qual o acesso das mulheres ao ensino ainda era pouco estimulado ou possível. Atuando como professora em diversas escolas municipais, estaduais e privadas, atuou em cargos que a levaram a exercer outras funções reconhecidas pela sociedade como importantes no decorrer de sua vida profissional.

No ano de 1969, Alexandrina acabou por exercer um papel de liderança em sua comunidade. Dirigiu comissões que examinaram o funcionamento das instituições escolares e exames que ocorriam no interior do Território Federal de Rondônia, em áreas ribeirinhas e rurais de difícil acesso para os responsáveis pela educação do Território Federal de Rondônia, cargo atribuído pela Portaria nº 267/D.E. de 20 de novembro de 1969.

O Diretor da Divisão de Educação, no uso das atribuições que lhe conferidas por lei, resolve: Designar os professores abaixo relacionados para comporem a Comissão de Exame no Interior. Rio Guaporé: Miriam Maia Rocha, Alexandrina Gomes do Nascimento, José Augusto da Câmara Leme.[...]. (PORTO VELHO, 1969).

Na perspectiva de Guacira Lopes Louro (2015), essas ações tornaram-se mais expressivas no final dos anos de 1960 e nos anos 1970, nos quais se tornaram mais ativos discurso do profissionalismo, o que exigiu que os profissionais da educação buscassem formação para exercerem suas profissões. O professor leigo passou a ser encarado com certa desconfiança. Apesar dos tempos de regime militar o caráter profissional da atividade docente configurou-se mais expressivo, com a intenção de substituir a representação da “professorinha”, daquela que era comparada à boa mãe. As mulheres também passaram a defender seu papel de profissional do ensino.

Esse profissionalismo caracterizava-se pela valorização de um outro tipo de habilidades dos professores e professoras. Agora caía sobre eles uma avalanche de tarefas burocráticas, exigindo-lhes uma ocupação bastante intensa com atividades de ordem administrativa e de controle; determinava-se, também, que sua ação didática se tornasse mais técnica, eficiente e produtiva. Ainda que essas novas tarefas tivessem representado, muito provavelmente, uma “intensificação” do trabalho docente, houve, pelo

**VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica**

**UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016**

**Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676**

menos por parte de alguns, adesão a tal discurso. Não se pode esquecer que “a própria noção de profissionalização tem sido muito importante não somente para o professorado em geral, mas para as mulheres em particular”. Reivindicar o reconhecimento como profissional também se constituía numa forma de mulheres professoras lutarem por salários iguais aos dos homens e por condições de trabalho adequado. (LOURO, 2015, p. 473).

Para Louro (2015) esse novo cenário dos agentes educativos, representava contra a argumentação ideal do magistério, que se voltava para a profissionalização, muito embora ocorresse oposição a esses ideais que caracterizavam uma inovação para época, como descritos pela própria Alexandrina anteriormente.

No ano de 1980, Alexandrina inspecionou as instituições escolares de 1º e 2º Graus que eram de responsabilidade da secretaria de Educação e Cultura do Território Federal de Rondônia, atribuições a ela conferidas pela Portaria nº 966/SEC de 02 de setembro de 1980.

O Secretário de Educação e Cultura, no uso suas atribuições legais, objetivando manter a unidade de ensino no sistema, resolve: designar a servidora Alexandrina do Nascimento Gomes, cad. nº 00480, técnica em pedagogia faixa “a”, pertencente ao quadro de pessoal para inspecionar os estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus vinculados ao sistema. Revogam-se as disposições em contrário. (PORTO VELHO, 1980).

Alexandrina destacou uma nomeação que ela considerou muito importante para si: a nomeação para atuar como Secretária Municipal de Educação e Cultura da cidade de Costa Marques. Cargo esse relevante para uma mulher nesse período, principalmente após a criação do estado de Rondônia, quando o governo estava se estruturando com as mudanças políticas que ocorreram devido à criação do estado de Rondônia. Nomeação atribuída ao Decreto nº003/GP de 01 de fevereiro de 1982.

O Prefeito Municipal de Costa Marques, Estado de Rondônia, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo § 1º item I do Art. 3º da Lei nº 6.921, de 16 de julho de 1981. Resolve: Nomear a Professora Alexandrina do Nascimento Gomes, funcionária do Quadro de Pessoal desse Governo a disposição desta Prefeitura para exercer o cargo em comissão de Secretária Municipal de Educação e Cultura. (COSTA MARQUES, 1982).

Alexandrina mencionou que assumiu a prefeitura da cidade de Costa Marques por algumas vezes na ausência do prefeito. Essas nomeações ocorreram nos mandatos dos prefeitos da cidade de Costa Marques, período no qual atuava no cargo de Secretária de Educação e Cultura daquele município. Era considerada a mulher de confiança dos prefeitos e do Governador do estado de Rondônia, designada pela Portaria nº 093/DP de 23 de maio de 1983.

O Prefeito Municipal de Costa Marques, usando de suas atribuições legais e, considerando o que dispõe o § 1º, item I art. 3º da Lei nº 6.921, de 16 de junho de 1.981, resolve: Designar a servidora Alexandrina do Nascimento Gomes, Secretária Municipal de Educação, para responder pelo expediente desta prefeitura na ausência de seu titular, no período de 23 a 28.05.83. Costa Marques, 23 de Maio de 1983. (COSTA MARQUES, 1983).

Durante seu período de trabalho no Território Federal de Rondônia e quando criou-se o estado de Rondônia, Alexandrina trabalhou nos cargos que foi designada nas funções educativas na região do Vale do Guaporé, demonstrando o compromisso com função que era destinada. Conforme explanou professora Alexandrina do Nascimento Gomes, ficou um ano na Escola Rui Rodrigues de Almeida, logo foi transferida para trabalhar na Escola Claudio Fiale, quando permaneceu trabalhando no período de 5 anos, isso ocorreu entre o período de 1972 a 1977.

Em 1977, o secretário de educação convocou a professora para ser assistente de uma agente de Guajará-Mirim, permaneceu até ser transferida para Porto Velho, quando trabalhou dois anos na cidade de Porto Velho, momento no qual decidiu voltar para o Vale do Guaporé, pois percebia a dificuldade dos professores que vinham frequentar cursos na capital no período de férias.

Eu falei que quando terminasse a faculdade iria servir na minha terra, conversei com o secretário. Quando terminei me colocaram como responsável pela área educacional, era de Costa Marques a Cabixi fazia tudo pelo rio não tinha estradas. Quando passou a estado, naquela época não tinha prefeito eleito o governador ou secretário de educação que escolhia. O governador me falou você que vai ser a secretária, tinha hora que meu coração parece que iria sumir. Eu assumi a secretaria em 1982 nessa época já era Estado. Eu era muito ativa mais não tinha experiência, quando decaiu o problema da visão eu entrei em depressão até que agora eu acostumei, mais eu era muito ativa viajava, visitava todas as escolas mais de três vezes por ano. Ia de barco de motor e polpa tomando sol, depois me lembrei de umas colegas, só tinha uma freira com licenciatura, todas as demais tinham frequentado apenas a 5 série, aí falei como que vou ficar aqui me lembrei das amigas as convidei e elas aceitaram, aí que os horizontes foram abrindo, elas foram me ajudando naquilo que eu não sabia, no que eu não sabia elas me ensinavam. O que eu sabia eu passava para elas, isso em Costa Marques. Em Costa Marques eu fiquei oito anos, na secretaria, eu fiquei até junho de 1987, cheguei lá em 06 de março de 1979 e sai em 1987. (GOMES, 2016).

De acordo com Alexandrina, no ano de 1987, foi convidada para trabalhar com os indígenas com o cargo de programadora das escolas indígenas. Trabalhou no período de 1987 a 1991. Depois foi lotada como supervisora na Escola Capitão Godoi. E no ano de 1991, entrou com pedido de aposentadoria, porém continuou para cumprir até o fim do ano o trabalho de supervisora escolar. Trabalhou como voluntária na Escola Capitão Godoi até o dia

19 de março de 1992, quando sua mãe ficou com problemas graves de saúde momento que Alexandrina do Nascimento Gomes encerrou o trabalho educacional.

Retomamos Halbwachs (1990) para quem existe uma memória autobiográfica e uma memória histórica. A memória autobiográfica se contempla à memória história, em razão de que, toda história de vida atribui a uma história global. Esse pensamento se coaduna a nossa perspectiva ao descrever a história de Alexandrina: uma mulher que promoveu as “rupturas do tempo” (PERROT, 2007, p. 141), que nos permitiu ainda acesso às suas lembranças de ações que impactaram a educação nas localidades e instituições nas quais atuou.

Nessa linha de raciocínio, a professora ao narrar sua história de vida na educação, relaciona a uma história coletiva, incluindo em sua história de vida as instituições escolares nas quais se formou, nas instituições quais atuou e das funções que exerceu ao longo da vida profissional. Refere-se às pessoas que a ajudaram durante o exercício de sua profissão e às ações políticas e administrativas dos governos no quais esteve imersa. Suas reminiscências permitem conhecer um pouco do percurso feminino em busca de formação e atuação nos espaços públicos.

Atualmente, Alexandrina do Nascimento Gomes tem 82 anos de idade, está aposentada e consciente, dona de suas lembranças e de sua memória. Alexandrina não se casou, também não teve filhos e reside na cidade de Guajará-Mirim, no estado de Rondônia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Inferimos que escrever as memórias da professora Alexandrina do Nascimento Gomes, torna visível percursos e desafios vividos por uma uma mulher que contribuiu para a educação do estado de Rondônia, especialmente para a educação do Vale do Guaporé.

Compreendemos a contribuição de Alexandrina para a história da educação feminina no estado de Rondônia, pois a compreendemos como uma mulher que superou desafios e se posicionou na área de atuação pública cujas principais funções eram exercidas por homens e as mulheres mal vistas nesses espaços.

Alexandrina procurou se profissionalizar até o nível que lhes permitiram: Licenciatura curta em Pedagogia com habilitação em administração escolar. Desempenhou as funções de professora, gestora de instituições escolares, secretária de Educação e Cultura, na prefeitura de Costa Marques em uma época na qual poucas mulheres ocupavam essas funções.

## **REFERÊNCIAS**

**VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica  
UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016  
Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676**

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o presente**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.
- ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução, Paloma Vidal. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 2010.
- BARROSO, Carmen Lúcia de Melo; MELLO, Guiomar Namó. O Acesso da Mulher ao Ensino Superior Brasileiro. **Cadernos de pesquisa/15**. Belo Horizonte, MG, p. 47-77, nov. 1975. Disponível em: < <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/278.pdf> > acesso em: 08 abr. 2016.
- BURKE, Peter. (1992), “A História dos acontecimentos e o renascimento da narrativa”. *In*: Peter Burke (org.), *A Escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 327-348.
- DUTRA, Paulo Sérgio. **Memórias de professoras negras no Vale do Guaporé**: do silêncio à palavra. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.
- FERREIRA, Nilce Vieira Campos. **Economia Doméstica**: ensino profissionalizante feminino no triângulo mineiro (Uberaba/MG – 1953-1997). Jundiá, Pacto Editorial: 2014.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Tradução de Laurent León Schaffter. 2ª ed. São Paulo: Ed. Revista dos tribunais LTDA, 1990.
- LOURO, Guacira Lopes. (2015), “Mulheres na Sala de Aula”, *In*: Mary Del Priore (Org), *História das Mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (Coord. de textos) 10. Ed. 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 443- 481.
- MARQUES, Rosane. (coord). **Fundação João Pinheiro 45 anos**: relatório de gestão 2011/2014. (Coord ed.) Olívia Bittencout e Débora Drumond. Disponível em: < [www.repositorio.fjp.mg.gov.br/.../Relatório%20de%20Gestão%202014](http://www.repositorio.fjp.mg.gov.br/.../Relatório%20de%20Gestão%202014) > Acesso em: 9 abr. 2016.
- NASCIMENTO, Sílvio Melo do. **A escola de Dom Xavier Rey**: história da formação de professoras no Vale do Guaporé. 2014, 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Rondônia, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Velho, 2014.
- PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.
- RICHOMME, Agnès. **Pedro Bonhomme e as Irmãs de Nossa Senhora do Calvário**. Paris, Editions Fleurus, 1962.
- SILVA, Avacir Gomes dos Santos. *Vale do Guaporé*: Território das Espacialidades das culturas desviantes. Revista Labirinto – Ano XII, nº 16 – ISSN: 1519-6674. Rondônia, Brasil. 2012.

## Referências Documentais

- COSTA MARQUES. Decreto P nº 003 de 01 de fevereiro de 1982. Rondônia, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1982.

COSTA MARQUES. Portaria nº 093 de 23 de maio de 1983. Rondônia, Prefeitura de Costa Marques, 1983.

PORTO VELHO. Portaria nº 267 de 20 de novembro de 1969. Território Federal de Rondônia, Divisão de Educação. 1969.

PORTO VELHO. Portaria nº 966/SEC de 02 de setembro de 1980. Rondônia, Secretaria de Educação Cultura, 1980.

### **Depoimento oral**

GOMES, Alexandrina do Nascimento. **Entrevista** concedida a C. O. de Souza, integrante do GEM/IE/UFMT. Guajará-Mirim, jan. 2016.